

O LETRAMENTO CRÍTICO E O ENSINO DE INGLÊS NO 1º ANO DO ENSINO MÉDIO DA ESCOLA ESTADUAL QUINTELA CAVALCANTI EM ARAPIRACA/ALAGOAS

Patrícia Gonzaga da Silva (Graduação/UNEAL)ⁱ

Rosângela Nunes de Lima (Doutora/UFAL)ⁱⁱ

Resumo: Em nosso trabalho, debruçar-nos-emos sobre questões de letramento crítico dentro e fora da escola, e como estes letramentos estão sendo abordados por professores de língua inglesa na atualidade. A pesquisa conta com o suporte teórico de pesquisadores que abordam o tema, como Franco e Tezza (2001), Leavis (1969), Carraher (1999), Monte Mór (2002), as OCEM (2006), Paulo Freire entre outros. O trabalho está dividido em dois momentos, no primeiro momento iremos tratar de uma reflexão sobre o letramento crítico no ensino, entendendo, portanto, como o letramento crítico pode contribuir na formação do ser crítico. Em nosso segundo momento, abordaremos o letramento crítico no ensino de inglês no ensino médio, em escola estadual participante do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência/PIBID no interior de Alagoas. Através de leituras iniciais do aporte teórico utilizado neste trabalho, percebemos que em pleno século XXI, em muitas escolas, as aulas de línguas não abordam o letramento crítico, tornando-se então motivo de reflexão, uma vez que o letramento deve ser entendido como um processo de construção do conhecimento crítico que leve o aluno a usar esse conhecimento em suas práticas sociais.

Palavras-chave: letramento crítico; ensino de inglês; práticas sociais.

INTRODUÇÃO

O letramento crítico deve ser abordado desde cedo com alunos de diversas áreas exercendo uma contribuição grandiosa no ensino aprendizagem destes alunos. Nas aulas de literatura o letramento surge com o intuito de fazer o aluno entender e refletir sobre o que está sendo lido, muito mais do que apenas um texto, mas uma manifestação cultural e literária de uma determinada época. Devemos portanto entender o letramento crítico como um processo de revelar ou desvelar as verdades de um texto construídas e tendo origem no contexto de sua autoria.

Em nosso trabalho na escola Quintella Cavalcanti em Arapiraca, no estado de Alagoas, o estudo sobre o letramento foi abordado desde o primeiro momento. Em conversa com o professor responsável pela turma em questão ele nos explicou como é a situação encontrada hoje nas escolas e relação ao letramento crítico como fonte importante de conhecimento e reflexão para os alunos e para a própria escola.

Realização



Apoio



Formar nossos alunos quanto à crítica é algo a ser pensado e posto em ação por todos os professores. Por esta razão nosso trabalho permitirá um amplo acesso ao letramento crítico, baseando-se em vários teóricos que nos fazem perceber e refletir em como o letramento crítico é importante no processo de formar alunos ainda no ensino médio.

Talvez ao falar de crítica nossos alunos e nossos leitores possam pensar em algo negativo, no entanto a crítica que aqui nos referimos é o que faz crescer, conhecer, uma obra e ou uma ideia. Sem dúvida a crítica possui um poder na construção cultural. Assim entendemos que a crítica e o letramento crítico formam o aluno.

A vida e as estranhas e surpreendentes aventuras de Robinson Crusoé de York, marinheiro que viveu vinte e oito anos completamente sozinho numa ilha deserta, nas costas da América, tendo sido lançado à costa por um naufrágio no qual todos pereceram menos ele, com um relatório sobre o modo pelo qual foi enfim também estranhamente liberado por piratas, escrito por ele mesmo. Lia-se na primeira publicação de Robinson Crusoé, publicado em Londres em 1719, por um editor popular W. Taylor. Não aparecia o nome do autor, pois deveria ser considerado um verdadeiro livro de memórias escritas pelo náufrago.

Nos séculos XV e XVI os progressos da construção naval e os avanços da navegação levaram os europeus a uma descoberta fantástica, o novo mundo.

Na época de Crusoé, o tráfico de seres humanos já constituía um bom negócio. Quando se implantaram no novo mundo os engenhos produtores de açúcar, verdadeiras multidões de homens e mulheres e até mesmo crianças foram levadas da África para as Américas. Robinson Crusoé se envolve no lucrativo porém desumano tráfico de escravos e enriquece rápido.

1. REFLEXÃO SOBRE O LETRAMENTO CRÍTICO

Há varias propostas de letramento crítico para trabalharmos em sala de aula, em todas o conceito é o de ser crítico, ler criticamente. Devemos portanto aprender a escutar, aprender valores e significados passados nas obras, isso significa dizer que o letramento crítico é um processo de revelar ou desvelar as verdades de um texto construídas e que têm origem no contexto do próprio autor.

Realização



Apoio



Por assim dizer esse processo de ler criticamente envolve o aprender a escutar não apenas o texto e as palavras que o leitor estiver lendo, mas também a própria leitura de textos e palavras.

Passaremos então para algumas concepções do que ler criticamente implica: a) perceber não apenas como o autor produziu determinado significado, mas ao mesmo tempo, b) perceber a significação desse contexto na sociedade.

Para Freire (1990) o letramento crítico deve promover uma percepção do papel da história e da temporalidade da linguagem e do conhecimento enfocando sua origem na história.

Os homens se relacionam com seu mundo de forma crítica. Eles aprenderam os dados objetivos de sua realidade através da reflexão e não por reflexo [...] no ato de percepção crítica, os homens descobrem sua própria temporalidade (Freire 1990, pg. 3).

Mas para formar leitores críticos é necessário que esses leitores saibam interpretar o que se está sendo lido, de acordo com a Program for International Student Assessment (PISA, 2008) grande parte dos leitores encontram dificuldades na compreensão do texto. Entendemos a partir disto que há uma necessidade de reforçar na educação de forma a ensinar a crítica/ e os letramentos, como resultado não apenas para o Brasil mas sim para todo o globo. Ao falar de educação não devemos nos basear apenas em uma ampliação de evolução mas, sim, geral. Tendo assim o desenvolvimento crítico com a educação, formando cidadãos com percepção de crítica na sociedade em que vivem.

Nos escritos de Carraher (1999), encontra-se o contraste entre o pensador crítico e o pensador comum:

A diferença entre ele [pensador crítico] e o pensador comum é que o primeiro atua para que sua visão não seja embaralhada pelos valores. Ele valoriza a coerência, clareza de pensamentos, a reflexão e a observação cuidadosa porque deseja compreender melhor a realidade social, sem o que a ação responsável é condenada ao fracasso (CARRAHER, 1999, p.135).

2. PROFESSOR DE INGLÊS E O LETRAMENTO CRÍTICO

Estamos presentes em um mundo inteiramente moderno e tecnológico, onde as comunidades muitas vezes estão interligadas. E então como vamos lidar com isto? Luke e Tezza (1997,p.213) apresentam que “os letramentos críticos propõem que ler e escrever são atividades sociais e de que há novas maneiras de compreender o “nós” e “os outros”, surgindo uma reflexão da cultura, valores da educação humanista.”

Hoje ensinar não é apenas transmitir o conhecimento, mas, sim, ensinar a buscar novos conhecimentos, que estão ligados durante todo o tempo, nas mídias, na internet, na cultura em geral.

Para Freire, deve-se fazer o aluno perceber e enfocar o que ele chamava de saber “ingênuo”, fruto do senso comum, visto por alguns como pessoal e individual. Enfocar aquilo que o aluno acha “natural”, fazer o aluno refletir. O letramento crítico é ir além do senso comum, fazer o aluno ir além da aparência da verdade, levar o aluno a refletir sobre a história, sobre o contexto de seus saberes, seu próprio senso comum.

Freire, (apud Souza, 2005, p.152) diz “ ensinar significa provocar a curiosidade do educando a tal ponto que ele se transforme em sujeito da produção do conhecimento que lhe é ensinado” (2005: p. 152).

Por fim, letramento crítico não é apenas ler, mas ler se lendo, ou seja, ficar consciente o tempo inteiro de como estou lendo, como estou construindo significados, não achando assim que a leitura é um processo transparente, ou que o que eu leio é aquilo que está escrito. Enfatizando sempre: por que eu entendi desta forma? De onde vieram as minhas ideias para tal entendimento? E as minhas interpretações?

Nosso trabalho também teve uma intervenção com alunos do 1º ano do ensino médio da Escola Estadual Quintela Cavalcanti, onde pudemos abordar de forma dinâmica a obra de Daniel Defoe “Robinson Crusoé”. Em nossas aulas foram feitas leituras compartilhadas da obra, e depois de cada leitura a análise de cada capítulo lido.

A utilização de leitura de obras clássicas é muito importante pois esses livros exercem uma influência particular quando se impõem como inesquecíveis e também quando se ocultam nas dobras da memória, mimetizando-se como inconsciente coletivo ou individual.

Por isso deveria existir um momento, já no ensino médio, para que nossos alunos possam ler e reler estas obras. Mas o que é o livro clássico? Segundo Calvino (1991)

os clássicos são aqueles livros que chegam até nós trazendo consigo as marcas das leituras que precederam a nossa e atrás de si os traços que deixaram na cultura ou nas culturas que atravessaram (ou mais simplesmente na linguagem ou nos costumes).

“Robinson Crusoe” é sem dúvidas um livro que deve ser lido e relido, pois a cada leitura novas descobertas surgem.

3. SOBRE OS ALUNOS

Os alunos que contribuíram para nosso estudo e pesquisa foram alunos do 1º ano do ensino médio da escola Quintella Cavalcanti em Arapiraca, Alagoas. Em uma única turma com 43 alunos, entre 14 a 15 anos. A maioria de sexo feminino.

Durante a semana os alunos tinham duas aulas de língua inglesa, onde em acordo com o professor Josenildo dividimos para uma aula de língua inglesa (lecionada por ele) e uma aula de literatura inglesa (lecionada por mim), no entanto sempre que necessário tanto o professor quanto eu poderíamos interferir nas respectivas aulas.

No início das aulas já deixamos claro nosso trabalho e como ele se daria durante todo o processo. Os alunos ficaram entusiasmados com a proposta e logo quiseram mais informações. É muito importante e gratificante observar o interesse dos alunos na aprendizagem da literatura.

4. SOBRE A METODOLOGIA

Nossa metodologia concentrou-se em Franco e Tezza (2001), Leavis (1969), Carraher (1999), Monte Mór (2002), as OCEM(2006), Paulo Freire (1987) e SOUZA (2005). Autores que abordam o letramento crítico, enquanto importante ferramenta de aprendizagem.

As aulas começaram em fevereiro na escola pesquisada, mas nossa interferência nas aulas de língua inglesa só começaram em maio do regente ano.

Realização



Apoio



A obra abordada em nosso trabalho foi “Robinson Crusoé”, de Daniel Defoe. Quando abordamos utilizar um livro de aventura como “Robinson Crusoé” nos permite a uma sensação arrebatadora maior do que nos romances, possibilitando um amplo efeito na cabeça das pessoas que o leem ou o analisa, produzindo assim uma discussão sobre a real qualidade literária de certas obras clássicas, com a percepção de que ler os clássicos é importante, pois os clássicos constituem uma riqueza para quem os que os leem, mas constituem uma riqueza maior ainda para quem os lê pela primeira vez.

Em nossa aula utilizamos uma entrevista com os alunos, e dentre os 43 alunos em sala de aula, 36 participaram da entrevista. A primeira pergunta, sobre a importância de ler clássicos, 34 alunos reponderam de formas distintas mas que em análise, as respostas podem ser vistas de forma positiva. No entanto, dois dos alunos reponderam:

Aluno 1º: “não sei por que eu não gosto muito de ler e nunca li um livro completo.”

Aluno 2º: “ não sei por que ainda não li nenhum.”

Isso nos mostra que a leitura deve ser abordada o quanto antes, porque em uma sala onde repostas assim surgiram, também houve repostas como:

Aluna 3º: por que foram livros que marcaram a historia e seus conflitos continuam sendo importantes para construir nossa historia.”

A diversidade de respostas foram imensas, em nosso anexos colocaremos as cinco respostas mais interessantes e relevantes e as cinco mais preocupantes em nossas análises, para mostrar tanto o interesse quanto o desinteresse de nossos alunos.

Ainda na visão da leitura de clássicos abordamos a seguinte visão nos dada por Calvino (1993 p.15) “ é clássico aquilo que persiste como rumor mesmo onde predomina a atualidade mais incompatível.”

CONCLUSÃO

É preciso modificar, transformar, e a literatura possui esta dimensão de transformações. Tudo isso para contribuir no conhecimento e sua aquisição. A língua inglesa

Realização



Apoio



e sua literatura devem ser abordadas em sala de aula como um elo entre o estudo da língua e da cultura dessa língua, por que literatura é acima de tudo a cultura da língua e da nação expressa em palavra. O professor deve passar e introduzir o texto literário em sala de aula, pois é a partir desse método que pode haver o surgimento do letramento crítico, analisando e refletindo sobre a obra.

A literatura vai sendo imitada e inspirada de várias formas, inspirado no romance de Defoe, em 1812, Johann Wyss publicou um Robinson suíço, o livro conta a historia de uma família que naufraga numa ilha deserta e retira do navio destroços necessários para sobreviverem.

Acredito que a sociedade educacional em nosso País passa por uma lentidão no ensino de sua própria literatura, imaginamos agora o currículo nas escolas públicas desse País onde infelizmente a literatura inglesa não está inserida, mas sim como proposta de aulas auxiliares de um ou outro professor.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Secretaria de Educação Básica. *Orientações Curriculares para o ensino médio: linguagens, códigos e suas tecnologias – conhecimentos de línguas estrangeiras*. Brasília: Ministério da Educação, 2006.

CALVINO, Ítalo. *Por que ler os clássicos*. tradução de Nilson Moolin. – são Paulo: companhia das letras, 1993.

CARRHER, D.W. *Senso crítico: do dia-a-dia às ciências humanas*. São Paulo: editora pioneira, 1999.

DEFOE, Daniel. *Robison Crusoé*. ilustrações de Julek Heller; tradução de Hildegard Feist. – são Paulo: companhia das letrinhas, 1999.

DEFOE, Daniel. *Robsison Crusoé*. tradução de domingos Demasi. – rio de janeiro: Record, 2004.

FARACO, C. A; **TEZZA**, C. *Prática de texto para estudantes universitários*. São Paulo: Ed. Vozes, 2001.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 28.ed. rio de janeiro: paz e terra, 1987.

Realização



Apoio



GIKANDI, S. Globalization and the claims of Postcoloniality. In: DESAI, G.; NAIR, S. (Eds.) *Postcolonialism: an anthology of cultural theory and criticism*. New Brunswick; New Jersey: Rutgers university press, 2005. P.608-634.

KELLNER, D. *A cultura da mídia*. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

LEAVIS, F.R. *English literature in our time and the university*. The Clark lectures, 1967. London: Chatto & Windus, 1969.

LUKE, A.; FREEBODY, P. the social practices of reading. In: MUSPRATT, S.; LUKE, A.; FREEBODY, P. *Constructing critical literacies*. St. Leonards, Australia: Allen & Unwin, 1997.

MENEZES DE SOUZA, L.M. O professor de inglês e os letramentos do século XXI: métodos ou ética? In: JORDÃO, C. M.; MARTINEZ, J. C.; HALU, R. C. *Formatação "Desformatada": Práticas com professores de língua inglesa*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.

MONTE MÓR, W. *Língua e diversidade cultural nas Américas multiculturais*. Crop nº 8. São Paulo: Ed. Humanitas, 2002.

PROGRAMA INTERNACIONAL DE AVALIAÇÃO DE ALUNOS – PISA, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP/MEC, acessado em novembro de 2008

ANEXO I

TRECHO DO LIVRO : Robinson Crusoe

“Não posso dizer que nos anos seguintes tenha me acontecido alguma coisa extraordinária. O que posso afirmar é que muito raramente me vejo ocioso.”

“Nos meses de chuva eu ficava dentro de casa e me divertia ensinando meu jovem papagaio falar. Ele havia sido capturado por mim ainda filhote e logo aprendeu a dizer seu nome “louro”, mas demorou muitos anos para dizer meu nome.”

“Meu cachorro surpreendeu um jovem cabrito e eu o capturei, são e salvo. O bichinho se revelou amoroso e se apegou muito a mim; tornou-se um dos meus companheiros e nunca mais me deixou.”

“Minhas tarefas diárias incluíam longas caminhadas em busca de caça. Como queria conhecer a ilha inteira, viajei para o oeste, onde encontrei um lugar bem mais aprazível. Na praia havia numerosas tartarugas e aves, muitas das quais tinham carne saborosas.”

Realização



Apoio



“Assim vivi muito confortavelmente, se bem que do mesmo jeito e no mesmo local, durante cinco anos.”

ANEXO II

Entrevista com os alunos acerca da literatura e sua importância.

Pesquisa de Campo

Aluno:

Série: 1º ano A Escola Quintella Cavalcanti

1. Por que ler clássicos é importante?

2. Você já leu alguma obra da literatura inglesa?

3. Você gosta de ler?

4. O que você acha da história de “Robinson Crusoé”?

5. Qual a importância das aulas de literatura na sua opinião?

ⁱ Graduanda do curso de Letras da Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL), professora de língua e literatura inglesa na cidade de Arapiraca, aluna pesquisadora com ênfase na literatura inglesa – shakespeariana. E-mail: patricia.uneal@outlook.com

ⁱⁱ Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Alagoas, professor adjunto no Curso de Letras, de língua e literatura inglesa, na Universidade Estadual de Alagoas, e-mail: rosalima@bol.com.br